

## **SABERES E RELIGIOSIDADE NO MEIO POPULAR: A Benzeção em Pires do Rio e Palmelo**

### ***KNOWLEDGE AND RELIGIOUSNESS OF THE PEOPLE: The Blessing in Pires do Rio and Palmelo***

Luene Gonçalves dos Santos<sup>1</sup> (UEG)  
Eduardo Gusmão de Quadros<sup>2</sup> (PUC-GO/ UEG)

**RESUMO:** O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o tema das benzedadeiras. A prática benzimento é um ritual de cura por meio da fé construído a partir do universo simbólico, rico em detalhes e singularidades. O nosso objetivo foi analisar a prática da cura a partir do ofício das benzedadeiras. Para tanto, contaremos com depoimento das benzedadeiras das cidades Pires do Rio e Palmelo, elementos fundamentais para composição deste estudo, que por meio de suas histórias de vida e experiências com a benzeção revelaram os aspectos integrantes deste ritual de cura religiosa. Os casos observados durante o trabalho de campo procuram também expor como outras denominações religiosas são articuladas pelas benzedadeiras para a reelaboração de suas práticas terapêuticas.

**Palavras-chave:** Benzedadeiras. Ritual. Cura. Dom.

**ABSTRACT:** *This article presents a reflection on the subject of blessers. The practice of blessing is a ritual of healing through faith built from the symbolic universe, rich in details and singularities. Our objective was to analyze the practice of healing from the office of the blessers. We will have testimony from the city of Pires do Rio and Palmelo, fundamental elements for the composition of this study, through their life histories and experiences with the blessing revealed the integral aspects of this ritual of religious healing. The cases observed during the field work also seek to expose how other religious denominations are articulated by the blessers for the re-elaboration of their therapeutic practices.*

**Keywords:** *Blessers. Ritual. Cure. Gift.*

#### **Universo das Benzedadeiras: aprendizagem e ritual**

Entende-se que a benzeção é uma herança de valores e medicina popular, a qual se caracteriza como práticas de cura, ligadas ao misticismo e religiosidade, é importante observar que os processos de cura popular podem ser ensinados ou aprendidos de diferentes maneiras e a transmissão feita por laços de parentesco é o mais comum.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Campus de Pires do Rio, Mestra em História, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). E-mail: luenehistoriadora1@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Membro do CEHILA, da ABHR e da Rede de Pesquisa em História e Catolicismo. E-mail : eduardo.hgs@hotmail.com

SANTOS, Luene Gonçalves dos; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Saberes e religiosidade no meio popular: a benzeção em Pires do Rio e Palmelo

A maioria das benzedeadas entrevistadas relatou que sua aprendizagem se deu através da família, como avó, tia ou com a própria mãe, há também aqueles que justificam os seus conhecimentos através da mediunidade. Corroborando com essas informações, dona Maria Abadia<sup>3</sup> declara:

Minha avó tudo que ela benzia sarava, depois ela ficou muito doente, eu olhava ela o dia inteiro, e ela foi me ensinando benze e foi assim eu comecei a benzer meus netos, filhos sobrinhos e foi sarando, corto cobreiro sara, benzo espinhela sara ai a casa a ferve de gente. (Informação verbal).

Neste depoimento, podemos observar que as benzedeadas geralmente são iniciadas por parentes próximos, como mães ou avós. Já a senhora Abadia<sup>4</sup> embora não sabendo ler e nem escrever, disse ter aprendido as rezas de cura com sua tia e que só sabia cortar cobreiro e sapinha. Quando perguntamos por que não aprendeu outros tipos de benzeção, sendo que parte da família a benzia, ela disse:

Até que tive vontade, mais não aprendi não como diz não guardei na cabeça, ne, não sabia ler e nem escrever nada, o meu nome eu ia assinar tava errando demais, tirei outra carteira de identidade como analfabeta. Meu pai não deixava frequentar escola, ele achava que ia ficar escrevendo cartinha pra namorado. Naquele tempo a mulher ficava mais em casa; só saia quando o pai saia pra fazer serviço de roça, panhar café, algodão”. (Informação verbal).

Já Dona Matilde<sup>5</sup> afirmou ter obtido os conhecimentos das rezas através de sua avó. Quando perguntamos se alguém quisesse aprender a benzer ela ensinaria suas orações.

Já ensinei e ensino pra quem quiser agente tem que reparti o que Deus da pra nós, eu vou morrer e ninguém vai saber ensinar oração não enfraquece, vai da fé. Eu benzo quebrante, vento virado, mau-olhado, espinhela caída, sol na cabeça, mau de engasgo, mal de umbigo. (Informação verbal).

É comum, ainda, na narrativa desses depoentes, a presença do trabalho desde cedo, seja ajudando a mãe em casa ou no trabalho doméstico em casas de família para complementar a renda familiar. Dona Fabiana que é viúva, mãe de quatro filhos, adepta da religião Espírita

---

<sup>3</sup> 75 anos profissão do lar residente Pires do Rio.

<sup>4</sup> 77 anos, profissão do lar.

<sup>5</sup> 57 anos profissão do lar, reside em Palmelo.

SANTOS, Luene Gonçalves dos; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Saberes e religiosidade no meio popular: a benzeção em Pires do Rio e Palmelo

Kardecista, residente em Palmelo, atribuiu a sua mediunidade como origem de seus ensinamentos que a predispôs a capacidade de realizar curas.

As benzedeadas entrevistadas foram questionadas se já haviam enfrentado algum tipo de preconceito e a maioria disse que sim, principalmente as espíritas, se mostrando desapontada quando tratada como feiticeira. Nesse sentido, Dona Fabiana<sup>6</sup> nos relatou que “as pessoas acham que espiritismo é macumba, eu até queria saber fazer feitiços mais não sei, isso porque as benzedeadas são capazes de desfazer um feitiço, mas jamais fazer um. Pra mim macumba é uma árvore africana”. (Informação verbal). Outra entrevistada, a Dona Matilde, também, declarou que já sofreu preconceito,

Já teve pessoa de me chamar de macumbeira, pois quem benze para muitos falam que são macumbeiros; não tem nada haver a benzeção com macumbaria ou feitiçaria é bem diferente. A benzeção agente ta fazendo o bem; agora a feitiçaria já é outro motivo, tenho encontrado muito preconceito até mesmo da própria família. (Informação verbal).

O receio de ser rotulada de feiticeira é uma preocupação moral que perpassa o discurso da maioria das benzedeadas, principalmente aquelas mais conhecidas nas cidades e por aquelas que exercem outros tipos de ofícios, que não seja apenas benzer. Por isso, faz questão de diferenciar das práticas de macumba, pois essas práticas estavam ligadas às crenças e ritos de matrizes africanas consideradas como demoníacas.

Na medida em que aconteciam as entrevistas, verificamos que, havia algumas semelhanças e diferenças na maneira de conceber essa prática, as semelhanças eram maiores. Quando chegamos à casa do senhor Sebastião<sup>7</sup>, na nossa conversa ele foi relatando a sua relação com a prática do benzimento e perguntamos se ele ensinaria suas orações a quem quisesse aprender. Ele nos disse que não, pois seu avô que era benzedor com quem ele aprendeu, pediu para ele não ensinar pra ninguém justificando que os jovens não querem saber disso, ter responsabilidade de benzimento é muito difícil.

No caso da dona Rita<sup>8</sup>, que mora com os filhos, o aprendizado se deu através da sua avó. Observamos que, na sua casa, não havia imagem de santo ou outro símbolo que caracterizava a sua religiosidade como já havia passado muito tempo que não havíamos o que

---

<sup>6</sup> 61 anos, profissão do lar, reside em Palmelo.

<sup>7</sup> 72 anos, profissão do lar, reside em Pires do Rio.

<sup>8</sup> 70 anos de idade, viúva, aposentada, reside em Pires do Rio.

sabíamos que era benzedeira católica. No decorrer da nossa conversa, dona Ruth relatou que não era mais católica “hoje sou evangélica, mais continuo acreditar na benzeção; se agente não acredita numa coisa agente não faz direito, o pastor proíbe, por isso agora eu quase não benzo; mais as pessoas que me procura eu acolho. (Informação verbal).

Perguntamos a ela se as pessoas ainda procuram muito pela “benzição” e a mesma respondeu que “aqui em casa ainda vem muita gente cortar cobreiro, sapinha, o povo agora não acredita mais nisso, prefere ir ao médico, as benzedeiros está acabando tudo. (Informação verbal). A partir da resposta da dona Ruth, surgiram algumas inquietações no sentido de entender se poucas pessoas a procuraram pelo fato de não ser mais católica. Mas em nenhum momento dona Ruth desqualificou a religião católica, as experiências vividas no catolicismo foram tão intensas que ela não conseguiu se desligar dela.

Outro entrevistado, o senhor Cosme<sup>9</sup>, que é católico diz que aprendeu a benzer com a sua mãe “que era de grande sabedoria”. (Informação verbal) e que quando passou a benzer,

Minha mãe era viva, uma vez chegou uma senhora para benzer, minha mãe disse vou benzer porque vou fazer uma viagem muito longa mais vou deixar uma pessoa ser encarregado meu. Depois de muito tempo essa velha apareceu de novo, bateu palma e perguntou; menino quem é benzedor aqui respondi é eu. Vou te contar uma história um dia tive na sua casa pra sua mãe me benzer e disse que ia fazer uma viagem muito longa e ia ficar um no seu lugar; quer dizer que é você, sou eu. Então eu benzi essa velha, ela foi embora e desse dia pra cá ficou eu na história. (Informação verbal).

No caso de receber o dom de outro benzedor ou benzedeira, a pessoa escolhida traz em si o conhecimento de cada passo do ritual, inclusive das palavras, além disso, herda a reputação conquistada pelo antigo benzedor ou benzedeira.

### **Os Rituais das Benzedeiros**

O ofício da benzeção não se limita ao ato de benzer, orar, impor as mãos, pois além de benzer, elas exercem também, a função de conselheira com objetivo de tentar reduzir a angustia de quem as procura. Cada benzedeira possui um rito próprio, uma maneira singular de benzer, mesmo quando se trata da mesma benzeção. Benzedor ou benzedeira, que possui

---

<sup>9</sup>49 anos, casado, lavrador, reside em Pires do Rio.

SANTOS, Luene Gonçalves dos; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Saberes e religiosidade no meio popular: a benzeção em Pires do Rio e Palmelo

uma força espiritual é capaz de visualizar o que está acontecendo com a pessoa benzida, se é alguma “doença de benzedeira” ele consegue ver e indicar algum tipo de remédio, para o mal que lhe aflige.

Sobre esse assunto, o entrevistado e benzedor Cosme confidenciou-nos que ao iniciar o ritual de cura puxa para si o que a pessoa está sentindo, e a partir deste momento sabe interpretar o problema com maior exatidão, já que pode sentir em seu próprio corpo o mal que atinge a pessoa. Assim podemos dizer que as práticas das benzedadeiras é uma atitude que invoca além de respeito, proteção, confiança e, sobretudo, solidariedade. Na prática da reza, dependendo do tipo de doença ou problema que precisa de uma orientação, o benzedor faz uso de rituais de cura de diferentes maneiras e circunstâncias.

No caso de cobreiro, assim como outras doenças, também tem suas formas de cura através da benzedura, pois segundo a benzedeira dona Alice se não acudir a tempo espalha pelo corpo e apresentou uma forma bem peculiar de rezas contra esta doença que procedia da seguinte forma com uma faca e talos de mamona, corta o talo e pergunta ao cliente:

Benedeira: O que é que eu te corto?

Cliente: Cobreiro bravo.

Benedeira: Eu corto a cabeça e a ponta do rabo. Com os poderes de Deus tu estarás curado. (Informação verbal).

Algumas contavam com orgulho sobre suas práticas e o sucesso das suas curas, como por exemplo, a Dona Matilde que relatou um caso de cura de uma criança com mal de umbigo.

A mãe chegou era mais ou menos meia noite, esse caso me deu trabalho, eu achei que não dava conta de resolver não, é claro abaixo de Deus, só Deus que pode agente não é nada, o menino tá vivo. Quando eu vejo que não é trabalho para benzedeira encaminho para o médico, isso aqui não é pra mim. (Informação verbal).

O que nos chamou, particularmente a atenção é o respeito e a responsabilidade em relação ao desenvolvimento desse ofício, sendo que um dos fatores que classifica a eficácia desses agentes é o relacionamento com a comunidade, mesmo assim eles só exercem sua

prática de cura das doenças que são de competência a seu ofício, caso não seja encaminhada a um médico, sabendo que isso não irá desqualificar o seu trabalho.

Em todas as casas que chegamos para realizamos às entrevistas observamos que no quintal havia uma grande variedade de plantas medicinais como pinhão roxo, mangerona, alecrim, arruda, guine, romã, entre outras e, são a partir destas plantas medicinais que realizam parte do seu ritual de cura.

Dona Matilde salientou sobre eficácia das plantas que tem em seu quintal em frente à casa cujo objetivo é proteger dos males e algumas usadas como remédio na manipulação de chás e não em garrafada “ pois isso é muito perigoso as pessoas não guardam dieta bebe como se fosse água”. (Informação verbal).

Com relação às condições de moradias das benzedeiros, observamos que suas casas eram simples, paredes de tijolo nem sempre rebocada, com poucos compartimentos e, em muitas, a sala e a cozinha ocupavam o mesmo espaço, o fogão a lenha era o divisor entre esses cômodos e também já em aspecto bem desgastado havia a presença de fogão a gás.

Aliados ao processo de reza e benzeção, na casa de um benzedor e benzedeira a presença de um oratório com imagens dos santos católicos não poderia faltar onde eram celebrados os ritos e as rezas. Chegando a casa Sr. Dorasio<sup>10</sup>, percebemos uma diferença entre as demais, mantém em uma sala onde expõe algumas imagens e enfeites em homenagens aos santos de sua devoção, no altar pode-se constatar a existência de imagem de Nossa Senhora Aparecida, São Jorge, velas brancas, rosário, e alguns símbolos ligados às religiões de matriz africana entre outros.

Percebemos no ritual deste benzedor um sincretismo religioso que ao mesmo tempo era espírita Kardecista, mas também transitava entre diversas denominações religiosas. Adepto do espiritismo não impede que construa uma relação de proximidade com outras práticas para realização do seu trabalho de cura, deixando claro que:

Desde que seja para o bem. Eu adoro espiritismo; mais o espiritismo não aceita esse negócio de benzeção, muitas pessoas são contra. Mas porque contra se fala da palavra de Deus, se você benze uma pessoa não estou desejando o mal, porque não pode fazer”. (Informação verbal).

---

<sup>10</sup> 78 anos reside em Pires do Rio.

Soma-se a esse ingrediente a presença de sincretismo religioso, mais isso não prejudicava a sua relação com cliente, pessoas evangélicas, espíritas, católicas batiam em sua porta em busca de solução para o mal que aflige. Àqueles que recorrem aos serviços dos benzedores e benzedoras acreditam que tais agentes são capazes de fornecer-lhe uma explicação de cunho oculto para seus malefícios.

Fica evidente por parte de algumas benzedoras e benzedores o fato de pertencer uma religião não teria que se despir da sua experiência, principalmente em se tratando das questões que afirmaram não fazer o mal. A fala dona Balbina<sup>11</sup> vai de encontro a essa afirmação: “Vou ao centro, mais também freqüento culto evangélico, quando estou passando mal elas oram pra mim eu melhora; tudo é de Deus, ele é um só”. (Informação verbal). Desta forma, quando questionada sobre o que seria benzer, a depoente, explicou a partir de suas experiências de cura.

Benzer é um tipo de passe, agente benze as pessoas melhora, toda a vida existiu benzedora, mas evangélico não gosta não eles dizem para eu parar de benzer é por isso que eu fico doente e quando eu benzo demais eu adoço mesmo porque vem gente de todo jeito. Quando as pessoas que está com mau olhado a pessoa que ta benzendo ela puxa eu vejo o que está acontecendo. (Informação verbal).

A benzedora dona Balbina, também revelou sobre os males que ela benzia:

Eu benzo de tudo, cobreiro, dor de cabeça a pessoa vem eu benzo, ela melhora. Problema de casal, mais esse negócio de mulher tomar o marido de outra isso eu não benzo; antes eu benzia agora não, eu vejo tudo por causa da minha vidência. (Informação verbal).

Este poder de ver as coisas que está acontecendo ou irá acontecer com os clientes que a procuram o benzedor talvez seja uma das qualidades que faz ser tão procurado pelas pessoas da comunidade.

Sobre a liberdade de transitar por religiões distintas Birmam (2001) afirma que: “O indivíduo contemporâneo deteria um poder maior de escolha, portanto, ganharia a liberdade de transgredir dogmas, ultrapassar fronteiras, desobedecer a ortodoxias e, sobretudo

---

<sup>11</sup> 80 anos , profissão do lar, reside em Palmelo.

SANTOS, Luene Gonçalves dos; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Saberes e religiosidade no meio popular: a benzeção em Pires do Rio e Palmelo

desrespeitar a unidade doutrinária que estas divisórias buscam defender”. (p. 66). No caso do depoente Cosme pelo fato de estar usando um enorme crucifixo no pescoço logo deduzimos ser católico em seguida confirmado por ele, em alguns momentos sentíamos confuso mediante a sua fala, termos por ele atribuído era contraditório a religião que ele afirmava ser.

Meu irmão Damião que eu amo demais queria ir embora para Anápolis, falei não vou deixar ele ir embora vou conversar com a minha mãe é hoje, cheguei La bati três vezes no tumulto dela, bati três vezes e falei assim , mãe não deixa o Damião ir embora não, rezei um terço para mãe, no outro dia o Damião arrumou emprego aqui. Os mortos têm mais poder que nos vivo. (Informação verbal).

No entanto, parece-nos plausível afirmar que o campo religioso popular é diversificado e sincrético, em outras palavras, não há religiões ou culturas puras ou não sincréticas, mas de um catolicismo mestiçado pela inserção de várias crenças e práticas religiosas; embora se mantenha uma relação com a religião oficial, isso não impediu que outras denominações religiosas fossem incorporadas. Podemos utilizar como exemplo a cidade de Palmelo, por ser uma cidade onde predomina a doutrina espírita há, no entanto, uma diversidade religiosa. Nesse espaço de atuação, as benzedeadas corroboram com a dinamicidade da prática, mantendo o espiritismo como o seu principal meio de referência. Não se coibiu a incorporação de elementos de outras denominações religiosas entre elas, prática das benzedeadas. Nesse sentido, Sanchis (2001) aponta que:

O Cristianismo no Brasil tornou-se plural. E entre as benzedeadas não poderia ser diferentes. Esta pluralidade de crenças está presente no cotidiano, seja nos objetos sagrados religiosos, nas rezas, nas crenças e visões de mundo. Já se percebe no ritual deste benzedeador um sincretismo religioso que na qual ele transita entre diversas denominações religiosas. (p.11).

Na prática da reza, dependendo do tipo de doença ou problema que se precisa de uma orientação, o benzedeador faz uso de rituais de cura de diferentes maneiras e circunstâncias. De acordo com o depoente Cosme, o ritual da reza não é uma tarefa fácil, pois é preciso ter muita sabedoria para entender o que as pessoas sentem, e mais, saber dar uma orientação correta.

Durante o trabalho de campo realizado com as benzedeadas, nas suas práticas do ritual da cura percebemos que acontecem reações tanto do corpo das benzedeadas quando dos



clientes. O corpo no ritual de cura é um elemento essencial, pois tanto manifesta os sintomas dos clientes, como ajuda as benzedoras a encontrar um melhor diagnóstico.

A partir das informações cedidas pelos depoentes, observamos que um dos maiores itens de procura para oração é contra o mau-olhado. Segundo a crença popular essa doença pode levar a morte. Esta procura decorre da crença de que algumas pessoas possuem olhos carregados de inveja que podem trazer o mal, tanto para as pessoas, como plantas e animais. Sobre esse assunto o senhor Dorasio relata que:

Às vezes você amanhece desorientado, descrente, você vai ao médico, toma remédio ao invés de fazer bem, faz mal porque não é aquilo que é, talvez você ta com influência. Você veste uma roupa bonita, fulana, vê você que blusa bonita, você podia arrumar para mim onde comprou. Você veste ela já não quer mais por causa que muitas pessoas por inveja colocam o “olho gordo em cima”. (Informação verbal).

O tratamento do mau olhado consiste no uso de reza específica ramos verdes e os gestos em forma de cruces sobre o cliente. Ainda sobre o mau-olhado Quintana (1999) nos esclarece que:

O mau-olhado, então, pode ser considerado um ato inconsciente e, portanto, não premeditado; o seu portador não tem percepção do mal que seu olhar pode causar sobre outra pessoa. Conforme retratamos anteriormente. É em busca dessa linguagem que as pessoas procuram uma benzedora. (p.121).

O mau-olhado pode atingir pessoas de ambos os sexos e de qualquer idade, bem como plantas e animais os sintomas geralmente são sonolência, abrição de boca, falta de ânimo e de acordo com Cascudo (1978), “o mau-olhado mata devagar, secando, animais, mulheres homens, rapazes envelhecem em poucos meses. As criaturas enrugam o rosto, tremem as mãos, cambaleiam o andar, tem insônias, mal-estar. As crianças são vítimas preferidas”. (p.65).

Observamos que cada benzedor tem uma maneira diferente de curar, pois cada um recebe dons diferentes. Nos depoimentos os entrevistados afirmam que a fé é a garantia da eficácia que auxiliarão na cura, uma vez que ambos acreditam na eficácia do ritual.

## **O Dom de Cura e a Gratuidade**

Geralmente, o serviço de benzedura é gratuito, pois acredita-se que o dom é dado por Deus, portanto esse serviço não deve ser cobrado. Conforme Quintana (1999), “se a benzedeira colocasse um preço no seu trabalho, ela o estaria desvalorizando, pois ele é algo de ordem do sagrado, que não pode ser medido na ordem material”. (p.89). Sobre esse assunto Dona Maria expressa sua opinião esclarecendo que:

Apalavra de Deus não pode ser cobrada. Deus não cobra de nós, as pessoas que vão benzendo e curando o outro começa a dar dinheiro para ele, vai ficando empolgado, vai enriquecendo, cai porque Deus larga dele, porque a oração não é vendida. (Informação verbal).

Uma vez que consideradas privilegiadas por terem recebido esse dom de Deus a benzedeira deve doar seu dom aos outros e, para tanto, não cobra pelos seus serviços. O benzedor Senhor Sebastião, deixa claro que não cobra nada, mas, que se alguém quiser dar um “agradinho” ele aceita, mas não como forma de pagamento. Sobre essa questão Quintana (1999) esclarece que, “o que se recebeu de graça se deve dar. Entre as benzedeiras, é uma constante fazer referência o que nunca se deve cobrar nada de ninguém. No entanto, é explícito que, se alguém quer dar alguma coisa, será bem aceita”. (p.87).

Percebemos uma semelhança entre o pensamento dos senhores Sebastião e Cosme, no que diz respeito ao receber um “agrado”, pois o senhor Cosme explica que a benzeção não pode ser cobrada, a pessoa que cobra não é benzedor, “mas se as pessoas quiserem me dar um agrado. A minha mãe era do mesmo jeito ela não cobrava, portanto, a geladeira estava sempre cheia, ela repartia com outras pessoas senão perdia”. (Informação verbal). Sobre a gratuidade, Quintana (1999), afirma que:

Uma cobrança por parte da benzedeira viria a manchar, a sujar tanto o trabalho realizado como a imagem de quem o realiza. Ao colocar um preço e vender os seus serviços, ela estaria deixando de ter as qualidades de bondade e pureza, as quais lhe possibilitam sustentar um lugar especial em manter o dom. (p.89).

Os benzedores e as benzedeiras não podem receber uma remuneração por sua ação. Baseando seu discurso na ideia de que se deve dar de graça o que de graça se recebe,

aceitam apenas agrados, tais como gêneros alimentícios, entendidos como gestos de gratidão pelo bem que se fez. Aceitar pagamento é renegar o dom que foi dado, ou seja, a graça divina. E a dona Abadia relata a sua grande satisfação ao encontrar com alguém depois que foi benzido com semblante mais alegre. Da mesma forma que atividade da reza desenvolve por algumas benzedoras não se limita apenas em realizar cura em sua casa como relata o Senhor Dorasio, com muito orgulho, os feitos realizados pela sua avó, sempre disposta ir aonde o mal estava desorganizado. “As pessoas naquela época eram muito valentes, quando acontecia uma briga chamava ela e acalmava tudo”. (Informação verbal).

A partir das falas dos depoentes observamos que os “agrados” são feitos em forma de objetos simples e que em nenhum momento elas citam ter recebido dinheiro. Alguns clientes se sentem na obrigação de agradar as benzedoras porque percebem o esforço e disponibilidade oferecida por elas de realizar seus serviços de cura sem estabelecer um preço. Os agrados ou presente como é denominado, mais comum eram gêneros alimentícios, em sinal de agradecimento. As doações representam pequenas contribuições para o sustento dos agentes da benzeção, uma vez que vivem de suas próprias rendas.

A situação socioeconômica das benzedoras e benzedores são testemunha que esse ofício não tem preço pela situação que vivem, uma casa simples, algumas moram com filhos, e mesmo já com idade aposentar não foi possível, pois não tivera condições de pagar a previdência. Estudar era para poucas, pois precisava trabalhar para ajudar no sustento da casa, conforme dona Matilde a única riqueza que tinha era o dom que Deus deu.

Para justificar a gratuidade da benzeção dona Matilde argumenta que “não é certo cobrar pelo benzimento esse é um dom que Deus dá, não tem preço; o preço maior é sentir que as pessoas se sentiram bem isso é bem mais gratificante que qualquer tipo de dinheiro; Deus não cobra nada da gente”. (Informação verbal).

O privilégio do dom também determina que a benzedora não deva negar ajuda àquele quem a procura. Sempre a disposição de quem precisa e sem cobrar nada, os benzedores costumam dizer “benzer é um dom gratuito de Deus a qual o escolhido não pode fugir”. (Informação verbal). Partindo dessa premissa, benzer é visto como uma missão, conforme relata dona Maria Abadia

SANTOS, Luene Gonçalves dos; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Saberes e religiosidade no meio popular: a benzeção em Pires do Rio e Palmelo

Quando nós subir tem que levar qualquer coisa para apresentar a Deus, quando a gente chegar lá; você não fez nada de bom para seu próximo; agente benze em nome de Deus; pois nos somos igual um grão de mostarda na frente do nosso senhor Jesus Cristo agente pede em nome dele pra aquele irmão que chegou doente. (Informação verbal).

Essa ligação com as forças sagradas que o benzedor adquire com um dom que Deus lhe deu, possibilita obter orientações e forças necessárias para curar os seus clientes, agindo como intermediário. “O benzedor é um intermediário, é alguém que tem como particularidade especial uma comunicação privilegiada com o sagrado”. (QUINTANA, 1999, p.94). Essa ação realizada pelo benzedor que age como intermediário segundo Quintana (1999) é feita uma benção onde:

A benção não tem somente a função de cura, ela também é indispensável para justificar o diagnóstico, permite que a benzedura conheça o problema e suas causas. Durante a benção, como se fosse um transe, se revela á benzedeira toda a problemática do paciente. É como se, ao passar a carga do cliente ás brasas, a benzedeira conseguisse perceber tanto a carga, como a origem desta. Assim a benzedura ao mesmo tempo, o mal daquele que está tratando. (p.103).

Para que a benzeção seja bem-sucedida se faz necessário que o cliente esteja em sintonia com o benzedor e acreditar que vai alcançar a resposta do que procura. Dessa forma, podemos dizer que é a fé na divindade que possibilita a cura e não a benzedeira em si, por isso elas são “intermediarias”. O reconhecimento onde à benzedeira está inserido é fundamental para legitimar sua prática religiosa e de cura, como nos esclarece Oliveira (1985):

Não basta apenas que a própria benzedeira reconheça a existência de um dom na vida. É necessário também que apropria comunidade onde ela mora, onde ela atua seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são chegadas partilhem com ela desse momento singular. (p.39).

Desse modo, a prática da benzeção é uma prática social reconhecida pelos grupos de pertencimento da benzedeira e é a eficácia da oração que faz com que as benzedeadas sobrevivam neste universo.

### **Considerações Finais**

No decorrer da pesquisa intitulada “Saberes e Religiosidade no Meio Popular: a Benzeção em Pires do Rio e Palmelo”, muitas indagações surgiram, principalmente, quando estivemos em contato com as benzedeadas, pois algumas respostas foram encontradas e outras não, pelo menos neste curto espaço de tempo. Nesta pesquisa, buscamos investigar se o ofício das benzedeadas continuou mesmo depois que na cidade chegou médico e hospitais.

A riqueza da cultura popular em Pires do Rio e Palmelo nos conduziram ao encontro com a fascinante arte de curar e a fé daqueles que são curados. Por isso, dar voz a estas agentes de cura foi importante, porque somente por meio de leituras teóricas torna-se inviável a compreensão destes saberes mágicos, míticos, correndo-se o risco de nos tornarmos simplistas, por lidar com um universo permeado de linguagem e elementos simbólicos. No entanto, é evidente que, as leituras sobre o tema das benzedeadas foram relevantes para restabelecer um diálogo entre o que era observado empiricamente e as idéias tratadas pelos autores.

Na relação com as benzedeadas que conhecemos, chamou-nos a atenção a fila de pessoas que aguardavam para ser atendidas em busca de resposta ou cura para seus anseios. Isso demonstra que a procura por estes agentes de cura não se devia somente ao fato de no passado haver o número reduzido de médicos diplomados. Apesar da avançada tecnologia, a tradição das benzedeadas ainda resiste, como no caso das cidades que elegemos para realizar as entrevistas.

Acreditando ou não no poder das rezas, há sempre aqueles que procuram nelas e nas bênçãos uma cura, por isso em pleno século XXI a crença em benzimento ainda faz-se presente, pois, tem doença, tem males, que o médico não cura, mas existem outros que só a medicina pode resolver. Isso porque os homens precisam de constante reafirmação de que podem realizar os seus anseios na medicina popular realizada pelas benzedeadas, as quais podem apontar uma direção. As práticas de benzeção são antes de tudo práticas sociais de grupos, que experimentam no seu cotidiano as agruras da vida, pela luta contra as próprias limitações.

Notamos que as benzedeadas videntes são as mais procuradas, principalmente, em se tratando de doenças ou outros tipos de problemas difíceis de solucionar. Observamos que, o conhecimento de certas práticas de cura, tanto poderia acontecer entre as camadas

hegemônicas, quanto entre as camadas populares. Sendo assim, não eram apenas as pessoas de setores pobres a se beneficiar por esta prática, pois identificamos situações ambíguas, em que membros da elite recorriam aos saberes destas agentes não oficiais.

A partir da fala de algumas pessoas que buscam esta prática, percebemos a contribuição dada por essas mulheres e homens para a constituição da chamada medicina popular. Percebemos que, a prática de cura não se restringe apenas a mulheres, mas também aos homens, dando assim à prática de cura um pluralismo que a faz tão fascinante.

Para encontrá-las não há uma rede de informação, porém, basta perguntar nas ruas onde encontrar uma benzeadeira, que logo alguém conhece ou já ouviu falar de uma. Vale destacar que, a contribuição dos moradores para nosso mapeamento dos lugares, onde as benzeadeiras residiam, foi fundamental. Assim, a realização deste trabalho tornou-se relevante, pois além de dar visibilidade à prática das benzeadeiras, contribui como referência para as pessoas que precisam dos seus serviços e não sabem onde encontrá-los.

Na origem deste saber, bem como às suas crenças religiosas, deparamos com benzeadeiras católicas, espíritas e evangélicas. Entendemos no decorrer de nossa pesquisa, que cada religião tem o seu próprio modelo de ação e as práticas de benzimento foram recriadas nos moldes de cada uma.

Embora a pesquisa seja empírica, as benzeadeiras afirmavam ter recebido um dom. Notamos que, na maioria delas o dom foi despertado mediante um acontecimento marcante em suas vidas. Com relação à aprendizagem, todas as benzeadeiras entrevistadas afirmaram ter aprendido por meio do uso da oralidade na transmissão do saber. Geralmente, o conhecimento destes agentes de cura é transmitido por parentes próximos, que dominavam ou dominam os saberes das rezas. No entanto, existem aquelas que dizem ter adquirido o conhecimento por mediunidade. Cada benzedor tem uma maneira peculiar de benzer, pois cada um recebe dons diferentes, atendendo a todos sem distinção, não cobrando nada pelos seus serviços.

Desde o início deste trabalho, ficou patente o contato com as benzeadeiras. O período de pesquisa foi muito gratificante e percebemos “que todos os dias a gente aprende e nunca termina de aprender”. Assim sendo, por meio de suas histórias, observamos cada aspecto de sua prática religiosa de cura, que por sua vez, revelaria a visão de mundo destas terapeutas-religiosas.

A relação estabelecida com as benzedadeiras, além da posição crítica, enquanto pesquisadores, sem deixar de nos levar pela emoção, percebemos que, benzer é bem mais do que uma prática religiosa de cura, pois assumem múltiplas funções, certamente, tais práticas minimizam o sofrimento da população de um modo geral.

A intenção era trazer um novo olhar sobre o ofício das benzedadeiras, que pudesse contribuir para a ampliação da discussão a respeito desta prática, por se tratar de um assunto amplo. Haja vista que, por mais que o pesquisador se debruçasse sobre o tema não esgotaria as possibilidades de entendimentos do assunto, necessitando de novas contribuições e aprofundamento.

Para compor o ritual de cura, deparamos com diferentes elementos simbólicos: imagens de santos espalhadas pelas paredes e altares ocupados por santos populares, orixá, Ogum, terço, figa, mostrando que os rituais de benzedeira são bem sincréticos. Consideramos que muitas questões aqui levantadas poderão ser objeto de uma análise mais detalhada, o que não foi possível neste momento como, por exemplo, a maioria das benzedadeiras faz questão de não serem confundidas com macumbeira, afirmando que suas rezas são para o bem. Pois, estas práticas estavam ligadas aos ritos de religiões de matrizes africanas consideradas como demoníacas. Nos seus rituais e altares são visíveis a presença de elementos das religiões afro-brasileiras. Outras inquietações surgiram diante dessa mistura de crenças religiosas. Em que acreditar?

Observamos que, muitos sujeitos procuravam estes agentes de cura para resolver problemas do cotidiano, já sabiam o que iam encontrar. No caso de algumas benzedadeiras, que benzem e aplicam passe, afirmavam não haver diferença entre estas duas práticas, pois o cliente se relaciona conforme sua crença.

Diante da complexidade das crenças de cada agente de cura, foi possível verificar que esse pluralismo religioso não interfere na relação entre cliente e benzedeira ou benzedor. Como mencionado, esgotar o assunto sobre o referido tema seria impossível, porque muitas questões precisam ser melhor detalhadas. Isso faz com que seja aguçada a nossa curiosidade e o desejo de aprender um pouco mais sobre o universo das benzedadeiras. Porém, acredita-se que esta pesquisa lançou bases para novos olhares, valorizando o trabalho destes agentes que lidam cotidianamente com a arte de curar.

SANTOS, Luene Gonçalves dos; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Saberes e religiosidade no meio popular: a benzeção em Pires do Rio e Palmelo

## FONTES ORAIS

ABADIA DA SILVA. (nome fictício). Depoimento (junho). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Município Pires do Rio-GO: 70 anos.

BALBINA MARTINS FONTES. Depoimento (junho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Município de Palmelo-GO: 80 anos.

COSME JOSÉ HOLANDA. Depoimento (junho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Município Pires do Rio-GO: 42 anos.

DORACÍLIO ANDRADE. Depoimento (junho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Município Pires do Rio-GO: 78 anos.

FABIANA (nome fictício). Depoimento (julho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Município de Palmelo-GO: 61 anos.

MARIA. (nome fictício). Depoimento (junho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Município Pires do Rio-GO: 75 anos.

MATILDE ELIODORA TEIXEIRA. Depoimento (junho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Município Pires do Rio-GO: 57 anos.

ALICE (nome fictício). Depoimento (junho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Pires do Rio-GO.

RUTH (nome fictício). Depoimento (junho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Palmelo-GO: 72 anos.

SEBASTIÃO ESPÍNDOLA. Depoimento (julho/2015). Entrevistadora: Luene Gonçalves dos Santos. Município de Palmelo-GO: 75 anos.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, Patrícia. Conexões políticas e bricolagens religiosas e questões sobre pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). **Fies e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro; EUERJ, 2001, p. 59-86.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Meleagro**. 2ed. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1978.

\_\_\_\_\_. **O que é benzeção**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **A religião e a dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

QUINTANA, M. Alerto. **A ciência da benzedura**. São Paulo: Ed. Universidade do Sagrado Coração, 1999.

SANCHIS, Pierre. Religiões. Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: (org.). **Fies e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 9-57.

Recebido em 30/09/2017

Aprovado em 19/01/2018